

EU EM NÓS - O DILEMA DO ESPELHO (MANIFESTO ECO-HUMANISTA)

*José Alberto Wenzel **

A busca de um princípio unificador e disciplinador tem permeado o pensamento humano ao longo do tempo. Subjacente a esta busca situa-se a enorme dificuldade que a humanidade tem de se entender como integrante do múltiplo e do diverso. Assim como Heráclito já percebia que para a aranha, sua teia era parte do seu corpo, ainda que externa a ele, também Chardin entendeu o Universo de forma abrangente e holística. Dos gregos à síntese fenomenológica de Chardin, desenbocando no pensamento ecológico atual, a tentativa de compreensão das coisas para o todo, se aprofunda na questão do eu em nós, do individual para o coletivo.

Somos seres e coisas em processo criacional expansivo e diversificante. O próprio segredo da sobrevivência da humanidade está na capacidade de nos entendermos como seres não isolados, nem meramente coletivizados, mas como seres EU em NÓS.

Introdução

Está em curso o engendramento de um reequilíbrio ambiental, em que a vida, ao menos como a conhecemos hoje, tem amplas possibilidades de sofrer severas restrições, não sendo excluída a probabilidade de seu fatal aniquilamento.

O fundo desta questão passa pela dificuldade que temos de nos percebermos como integrantes do múltiplo e diverso. Esta dificuldade não vem de hoje, exacerbando-se contudo, nesta virada de milênio.

A humanidade sempre buscou um princípio unificador e até disciplinador que lhe permitisse entender-se como coletividade e como indivíduos formadores desta coletividade.

* Mestre em Desenvolvimento Regional, com dissertação defendida em 09/07/97, na UNISC, e que teve com orientador o Prof. Dr. Flávio Pohlmann Livi. Atualmente, é Secretário da Saúde do Município de Santa Cruz do Sul-RS.

Da água ao átomo

Quando da passagem da explicação mítica para a lógica, plenificada na “pólis” grega, Tales (624 a 547 a.C.) estabeleceu como princípio de tudo o que existe a água. Com Tales temos a primeira diferenciação positiva e universal de planos. É com ele que a “Physis” toma o seu sentido próprio: força de vida e movimento, elemento primordial, permanente e fundamental, incluindo a totalidade de tudo o que é ou pode vir a ser, tanto no aspecto físico quanto psíquico. E a água é este princípio primordial, persistente e fundamental. De todas as coisas conhecidas, a água é a que parece tomar as mais diversas formas. Portanto a Tales, lhe pareceu ter encontrado o princípio de tudo. Pois o que existe sem água? As coisas todas seriam constituídas de água, em estados mais ou menos rarefeitos, ou mais ou menos condensados, passando a água por contínuas transformações. O ar, as nuvens, seriam um estado da água mais rarefeito, que à medida que vai se aglutinando retorna à terra na forma de chuva. Em contato com a terra, a água iria se solidificando, se transformando em pedra, que seria o estado mais sólido a que a água poderia chegar.

O próprio sol, bem como o fogo, através da evaporação, estariam de fato se alimentando de água. A água seria o próprio sustentáculo da terra, uma vez que esta deveria estar flutuando sobre a água. A Terra flutuaria sobre a água, como um navio, e os terremotos e vulcões seriam solavancos deste flutuar. Tales encarna o espírito científico na busca de uma explicação fundada na observação humana de que a água assume os três estados da matéria (sólido, gasoso, líquido) e de que tudo parte, se baseia e se ordena no elemento primordial e unificador que é a água.

Contudo, logo após Tales, outro grego, Anaxímenes (585 a 528 a.C) diz que é o ar o princípio de tudo. Pois para ser um princípio de tudo, este não poderia ter opostos, e o oposto da água seria o fogo. O ar seria sempre o mesmo e apenas mudaria de forma em função de maior ou menor rarefação ou densidade. Portanto o ar permanece, apenas muda a forma devido a quantidade de ar. Reparou que o ar soprado era frio, enquanto que o ar como alento vital era morno. Assim o ar soprado seria mais denso, e o alento vital mais rarefeito, mais quente. Concluiu que era a condensação e a rarefação que diversificavam as coisas. A água seria o resultado de uma determinada condensação de ar, enquanto que a terra e a pedra resultariam de uma condensação ainda maior. A própria Terra flutuaria no ar.

Para Anaximandro (610 a 547 a.C.) nem a água, nem o ar, ou outro elemento qualquer, poderiam ser o princípio de tudo. O princípio de tudo, a base de tudo que existisse seria o ilimitado, denominado de “ápeiron”. O ápeiron não permite opostos, como o ar e o fogo por exemplo, mas é

indeterminado, infinito, incomensurável, invisível e imortal. É fonte inesgotável de tudo. É uno porque permanece. O que é limitado perece, pois é múltiplo. Tudo o que é uno permanece e tudo o que é múltiplo perece. E é da multiplicidade das coisas que se constrói o uno, pois tudo volta ao uno. Tudo viria do uno, se diversificaria e voltaria ao uno. Inclusive, na volta de tudo o que é diversidade ao ilimitado, tudo se sana, inclusive todo o mal que pudesse ter ocorrido. Anaximandro não atribui transformações ao princípio (a água se rarefazia, ou se condensava), porque o princípio permanece. O movimento, desta forma, é eterno, uma vez que tudo brota e volta ao ilimitado, continuamente, em permanente devir. Este devir promove, porém, injustiças e clama por justiça, que só será reencontrada no retorno ao ápeiron, para então reiniciar tudo de novo. Este retorno se daria assim: o sol vai secando a terra, e isto é uma injustiça que implica na destruição do mundo. Com o tempo, todo o úmido será dessecado pelo sol. Logo a vida iria morrendo. Contudo, desta forma, o sol estará se auto-destruindo, pois algo só existe em oposição a algo. Se o úmido desaparece, seu oposto, o quente, também desaparece automaticamente. E assim, temos o retorno ao ilimitado indeterminado. Como o movimento é cíclico, teremos sempre um novo recomeço.

Se para Anaximandro, do Uno ilimitado, ápeiron, surge o múltiplo limitado, para Heráclito (séc. 540 a 475 a.C.) o fogo é o gerador do fenômeno cósmico. Heráclito entende que todas as coisas estão em movimento, e que este se processa através dos contrários, dos opostos. Talvez a maior contribuição de Heráclito seja a de que existe um “Logos”, compreendido como inteligência divina que governa o existente, e que a sabedoria humana liga-se ao logos, devendo o ser humano se precaver do conhecimento sensível, uma vez que este é enganador e deve ser superado pela razão. Para Heráclito o ser é mudar, pois as substâncias das coisas são presas de uma mudança incessante. É célebre seu fragmento 49: “descemos e não descemos nos mesmos rios; somos e não somos”. Há que se fazer uma distinção entre os princípios físicos como o ar e a água, com o fogo proposto por Heráclito. Na verdade este fogo tem o comportamento assemelhado ao do ápeiron. O fogo é incansável elemento mutante. O fogo continuamente se acende e se apaga. Nunca foi criado, e é eternamente vivo. O fogo se transforma em todas as coisas e todas as coisas em fogo. Inclusive a alma seria de natureza ígnea. E quanto mais ígnea, mais seca, mais teria a alma condições de captar o Logos. O fogo é razão divina. O Logos é portador de uma verdade absoluta, universal e eterna. No fragmento 67 Heráclito já antecipa o pensamento de Chardin (1881-1955) e de toda a corrente ecológica atual. Diz o fragmento: “assim como a aranha, instalada no centro de uma teia, sente quando uma mosca rompe algum fio (da teia) e por isso acorre rapidamente, quase aflita

pelo rompimento do fio, assim a alma do homem, ferida alguma parte do corpo, apressadamente acode, quase indignada pela lesão do corpo, ao qual está ligada firme e harmoniosamente". Não se trata do corpo carcereiro da alma de Pitágoras, nem da alma alegre pela morte do corpo de Sócrates (469 a 399 a.C.). Heráclito fala de um corpo uno.

Após tanto filosofar, o povo grego já ansiava por algo mais religioso, surgindo um conflito entre o científico (filosófico) e o religioso. Neste clima surge Pitágoras (sec.V a.C.) que nada nos deixou escrito. Mas o que se sabe dele, o foi através de seus inúmeros seguidores, os pitagóricos. Pitágoras foi amado e odiado, até acusado de usurpar idéias de outros. Alguns diziam que era de procedência divina e que recebia sua cultura de uma deusa. Se até ali, os filósofos se preocupavam em encontrar um princípio fundador, Pitágoras fala de uma alma imortal, porém, presa a um corpo. Nasce daí, a oposição entre alma e corpo, que vai ocasionar o conceito de espírito, como algo oposto à realidade material. Somos imortais porque nossa alma participa da natureza divina. Portanto é preciso purificar o corpo, num esforço de libertar a alma do seu corpo cárcere. O conceito de "katarsis" (purificação) é pitagórico. A purificação, libertação das paixões, obedece a uma dialética. Corpo e alma opõem-se resultando uma síntese que ocasiona uma nova reencarnação, onde novamente corpo e alma se digladiarão, achegando-se, através do contínuo purificar-se, a algo mais puro. Ora, se o homem caminha para o puro, a divindade deve ser puríssima. Portanto purificar-se consiste em só fazer o que é característico da divindade. Para isto recomendava a abstinência, o vegetarianismo, o exame de consciência diário, a pobreza, a fidelidade, o silêncio. Contudo este filósofo religioso tem um arché (princípio): o número. O número seria o princípio de tudo, mas não como matéria, e sim como forma. É o número que dá a forma, determina o indeterminado. Não há diferenciação entre o número concreto e abstrato. Entre ser e não ser, não há distinção. Todas as coisas particulares são concebidas como unidade, e em cada coisa existe um conjunto de fragmentos de unidades. Por exemplo: um livro tem um conjunto de páginas, tantas quantas páginas houverem. Existe uma unidade, o livro. Vem uma força de desagregação e desune (o ato de folhear, por exemplo) as páginas. Assim, uma unidade encerra muitas unidades. Existe, porém uma harmonia entre as diversas unidades que harmoniza os opostos. Para Aristóteles (384 a 322 a.C.), um conceito fundamental em Pitágoras é o da harmonia e do número. Para os Pitagóricos existe um "pneuma" ilimitado (arché de Anaxímenes). Neste pneuma se consitui o ser, e tudo que está fora disto é não ser, é o vazio. Daí as relações de cheio e vazio, não cheio e não ser. Neste pneuma existe uma Mônada, um kosmos esférico limitado. Desta Mônada respira o pneuma ilimitado, o que resulta na desa-

gregação interna da mônada, surgindo daí a pluralidade das coisas. Quer dizer, a unidade (Mônada) se desagrega em múltiplas unidades, em multiplicidades numéricas, porém, se conserva uma unidade, devido a harmonia geométrica. E cada número tem uma significação geométrica. O 1 é um ponto, circunferência. O número 2 é uma linha, o 3 é uma superfície, o 4 é um volume. Percebe-se que se deve ver tudo matematicamente. Galileu repetirá mais tarde esta concepção. Pitágoras não o faz tanto por intenções científicas, mas pela sua idéia de número, como arché, como princípio, uma vez que todas as coisas são números. Desta realidade geométrica, pois todo o número se apresenta geometricamente, surge uma espécie de mística do número, que se transmuta em concepção moral. Assim o 10 é o número sagrado, o "tetraktys", pois o número 10 significa o universo todo, sendo a soma da razão (1) com a opinião (2), a santidade (3) e a justiça (4). O número 5 significava o matrimônio, pois é a união de homem (3) com a mulher (2). O 6 é o símbolo da vida, pois homem, a mulher e o filho dá 6. O 7 é o número da saúde, inteligência e luz, uma vez que os pontos altos da vida acontecem nos múltiplos de 7 (aos 7 anos a razão, aos 14 anos, a adolescência e aos 21 a maioridade). O número 8 tem por significado o amor e a amizade, enquanto que o nove também significa a justiça.

A mensagem pitagórica, bem como todo o pensamento jônico foi objeto de questionamento e até de ridicularização por parte de Xenófanes de Tarento. Xenófanes fez uma crítica à forma de conhecimento humano, porque como o homem só conhece pelos sentidos, e estes enganam, as concepções humanas são falsas, e isto desculpa o homem. No fragmento 26 fala do conceito de eternidade e de imobilidade. Se Deus é, não se move, é porque é imutável. Pois se é eterno Ele já abarca o próprio trajeto em que se moveria. A questão da mobilidade e mutabilidade está muito bem discutida em Parmênides, que aparentemente se opõe ao que propunha Heráclito. Para Parmênides o Ser é homogêneo, imóvel, imutável e idêntico ao pensamento. Recordemos que Heráclito propunha o devir eterno, enquanto que Parmênides lega-nos o ser imutável.

Parmênides afirma que ser e pensar são a mesma coisa, em seu fragmento número 3. O ser é pensável, e o pensável é o ser, e todo ser surge no pensar. Contudo ser e pensar não são uma igualdade matemática, numérica, tipo um igual a um, porém um surge do outro. Aparece aí a dúvida trazida por Antístenes que dizia se ser e pensar se identificavam, então não haveria mentira, pois só se pensa o ser, a verdade, então não se pensa o não ser.

Aqui nos aproximamos de Descartes (1596-1650), que colocou em dúvida a própria existência e concluiu pelo: "penso, logo existo". Contudo a possibilidade de nos entendermos como humanidade passa pela capacidade de podermos

refletir sobre a questão. Vinte anos mais jovem que Parmênides, Zenon era um defensor ferrenho de Parmênides, e combateu arduamente a pluralidade pitagórica.

Quem vem tentar conciliar Parmênides e Heráclito é Empédocles (490 a 430 a.C.), pois ao tempo que seus sentidos lhe asseguram o movimento e a multiplicidade, entendia que o movimento implicaria no vazio. Os quatro elementos fundamentais, o fogo, o ar, a água e a terra seriam os elementos indivisíveis da realidade. Estes elementos seriam eternos (não nascem nem se destroem), imutáveis; iguais entre si, indivisíveis, e responsáveis pelas qualidades. Sobre o múltiplo e o uno, vale a pena transcrever a primeira parte do seu fragmento 17: "Duas coisas quero dizer; às vezes, do múltiplo cresce o uno para um único ser; outras, ao contrário, divide-se o uno na multiplicidade. Dupla é a gênese das coisas mortais, duplo também seu desaparecimento. Pois uma gera e destrói a união de todos (elementos); a outra, (apenas) surgida, se dissipa, quando aqueles (elementos) se separam. E essa constante mudança jamais cessa: às vezes todas as coisas unem-se pelo amor, outras, separam-se novamente (os elementos) na discórdia do Ódio. Como a unidade aprendeu a nascer do múltiplo e, pela sua separação, constituir-se novamente em múltiplo, assim geram-se as coisas e a vida não lhes é imutável; na medida, contudo, em que a sua constante mudança não encontra termo, subsistem eternamente imóveis durante o ciclo..." Como vemos, à questão do movimento e da imobilidade, Empédocles responde com os conceitos de amor e ódio. O ódio separaria os quatro elementos-raízes, e o amor os uniria. O interessante é que este amor e ódio, espécie de sístole e diástole (energias pulsantes) são algo corporal. São substâncias iguais aos 4 elementos. Num primeiro estágio, os quatro elementos raízes estão misturados. Quando aparece o amor e o ódio os elementos em parte se separam. Com o aumento do ódio acontece a completa separação dos elementos, fazendo surgir a pluralidade das coisas. Novamente o amor se aproxima e as coisas começam a unir-se. No estado inicial o amor está no centro integrando os 4 elementos, e o ódio na periferia, sendo uma espécie de ilimitado envolvente. Aos poucos o amor vai sendo expulso e o ódio começa a penetrar.

Pensar a pluralidade foi um dos pontos fortes de Anaxágoras (496 a 427 a.C.). Anaxágoras tentou explicar o múltiplo, argumentando que em cada coisa há uma porção de cada coisa. A exceção é o Espírito, que é ilimitado e autônomo, ao contrário das coisas, que estão misturadas com o nada. No homem, por exemplo, há de todas as coisas. Pois, pergunta, como seria possível o pão que comemos se transformar em pêlos, carne, etc.? É que o pão já contém pêlos, carne, etc. E aparência final de algo, é da coisa que predomina. Por isto cada coisa é uma Panspermia, pois cada coisa tem de todas as coisas.

Para Anaxímenes na massa original há um só elemento, enquanto para Anaxágoras há infinitos elementos. Por isto, o elemento original é uma mistura de opostos. Nas próprias sementes haveria predominância de um dos opostos. Também nega o vazio, porque em todas as coisas há uma porção de cada coisa e o vazio é o ar, que é alguma coisa.

Porém, assim como Empédocles necessitou de uma causa externa, o amor e o ódio, união e separação, também Anaxágoras busca uma causa da mistura e da separação. Esta causa é o NOUS, O ESPÍRITO. Pode-se dizer que é pela primeira vez que é introduzida uma causa espiritual na filosofia, pois o Nous é Espírito. Igualmente pela primeira vez é introduzida uma causa exterior ao Kosmos (talvez Heráclito já o tivesse percebido). O Nous governa, é a causa de todas as coisas. Porém Platão e Aristóteles dizem que Anaxágoras usava o Espírito apenas como potência causal, fazendo o Espírito intervir sempre que houvesse necessidade. E este Nous estaria isento de misturas. Uma das diferenças fundamentais entre Anaxágoras e Empédocles é a de que o amor e o ódio não sabem de tudo, enquanto que o Nous explicitamente sabe de tudo. Segundo Anaxágoras, a partir de uma mistura original, o Nous imprime ou comunica um movimento rotatório a esta mistura, que vai inchando e ocupando gradativamente mais espaço. A própria velocidade do movimento produz separação do raro e do denso, do frio e do quente. O raro, o quente se torna luminoso, denominado éter. Ao oposto ao luminoso denomina-se ar. A fase seguinte vai ser a separação do ar em nuvens, água, terra e pedra. Os corpos celestes são pedras incandescentes que foram arrebatadas à terra, pela rapidez da sua revolução. Tendo descoberto um meteorito em Aegos Potamus, e vendo que era branco, deu a lua a mesma cor, e diria que a lua seria branca também devido a velocidade de revolução terrestre. Os terremotos, pois a terra flutua sobre o ar, são causados pela tendência deste ar querer subir. Com exceção do Nous, em cada coisa há uma porção de cada coisa. E o Nous instala-se nos objetos em conformidade com a estrutura dos objetos. E quanto mais Nous no objeto, mais animado este será. E o Nous tem poder sobre todas as coisas, tanto as grandes coisas, como as pequenas. A própria inteligência depende da estrutura do corpo. O homem não é mais sábio que outro corpo qualquer, por ter mais Nous, mas por ter mãos, o que ajuda a expressão do Nous. Portanto a estrutura mais adaptável ao Nous está no Homem. Também as plantas são animadas. As plantas sentem prazer quando crescem e dor quando se lhes arrancam as folhas no outono. Plantas seriam animais presos à terra. A origem das plantas e dos animais também se deve à panspermia. Existem sementes de plantas no ar, o qual é arrastado à Terra, e pelo contato com a umidade crescem e se desenvolvem.

Semelhantemente à panspermia de Anaxágoras, Demócrito (460 a 360

a.C.), desenvolve pela vez primeira a idéia mais clara da física corpuscular. A matéria é composta de pequenos corpúsculos invisíveis, indivisíveis, completamente cheios e eternos, apresentando formas diferentes. Inicia assim a atomística. Todo corpúsculo, átomo, é dotado de entendimento e são exatamente iguais entre si quanto a sua substância. Por isto, toda a diferença dos fatos, das coisas deve ser explicada pela forma, pela posição e pelo arranjo dos átomos, e não por sua substância.

Os átomos são um princípio, e o outro princípio é o vazio. Demócrito e Leucipo (séc. V a.C.) afirmam que existe o Pleno (formado pelos átomos) e o vazio. Na verdade buscaram isto em Melisso (séc. V a.C.), que teve o mérito de dizer que o movimento se deve ao fato de haver o pleno e o vazio. Como podemos ver, o conceito de vazio, já estava previsto nos pitagóricos. Era um vazio que separava as unidades, e não propriamente o ar de Empédocles

Segundo Demócrito, que teria escrito mais de 90 obras, no início teria existido um mundo ilimitado de átomos ilimitados em grandeza e número. Teria havido só o cheio: o grande átomo. Estes átomos reúnem-se no vazio e inicia um turbilhão, chocando-se um com o outro. Torna-se evidente a necessidade do vazio como conceito, pois ele possibilita o mover-se. E neste turbilhão são os átomos incapazes de conservarem o equilíbrio. Acontece que os átomos maiores se deslocam para o centro, onde se solidificam e são, de certa maneira, como que envolvidos por uma membrana, formando uma estrutura esférica que se solidifica. Por fora, ficam os átomos menores, que formam como que uma membrana delgada. A própria expulsão dos pequenos do centro da esfera, pelo turbilhão, joga estes para a membrana delgada. A característica do turbilhão é que o mais pesado fica no meio e o mais leve é jogado para fora. Na verdade, hoje se sabe, que pela força centrífuga, deveria ser o inverso, pois o mais pesado é que seria lançado para fora. O que temos então é que os átomos grandes no centro e os pequenos por fora, e o turbilhão em contínuo movimento. A camada exterior forma uma camada lamacenta e úmida (a terra). No centro há fogo, que vai secando esta lama, até torná-la seca e inflamada. E o turbilhão ocasiona lascamentos desta terra, cujas lascas são jogadas longe, formando os astros.

Aristóteles se pergunta sobre a origem deste movimento. De fato, os atomistas não explicam o movimento e inclusive não consideram esta explicação necessária, pois o movimento seria por natureza inerente aos átomos, não necessitando do amor, do ódio ou do Nous para potenciá-lo.

Após o movimento, chegamos à concepção atomística da alma. A alma é algo material, composto de átomos esféricos e ígneos, muito sutis e móveis em todos os sentidos; sendo também a alma o princípio da vida e do

movimento nos animais e homens. O alimento da alma são os átomos de fogo que estão no ar.

De fato existiriam duas almas. Há uma racional instalada no peito, e uma irracional no corpo todo, uniformemente distribuída. A morte sobrevém quando a quantidade de átomos inspirados é inferior aos expelidos, quando a alma se desagrega e desaparece. Com o que, não existe a imortalidade.

Se a alma é formada de átomos, o pensamento é um movimento de átomos. O conhecimento se dá quando certas partículas vêm de fora, se encontram com os átomos da alma e produzem o pensamento. A sensibilidade do conhecimento depende de serem os átomos mais finos e rápidos.

Há de fato, puro materialismo nesta concepção gnoseológica. Contudo, está plantado, a partir dos atomistas todo o desenvolvimento futuro do conceito de átomo, inclusive a teoria do turbilhonamento pode ser considerada, de alguma forma, o ancestral dos conceitos de ressonância magnética. Para os atomistas a natureza já não está cheia de deuses, como na época mitológica. Também desaparecem as categorias antropomórficas como o amor e o ódio. Existem corpos em movimento, pela pressão dos entrechoques. A natureza passa a ser causa de si mesma. Pode-se calcular, quantificar, mensurar, o que é o fundamento da ciência moderna e da técnica.

Como conseqüência deste materialismo levantam-se tenazes discussões, em volta das contradições entre espiritualistas e materialistas, que caracterizam o pano de fundo do pensamento de Chardin.

Da força energética à Ecologia

Para Chardin, no início, antes da formação da própria Terra, existira uma matéria elementar, composta por um incrível número de partículas infinitamente pequenas. Contudo esta matéria elementar já possui uma força energética; um "estofa universal" que imprime agregação e crescente complexificação. Esta inerência complexificante permite a explosão da vida e o aparecimento do homem como ser reflexo. Mesmo já hominizado, como ser que pode refletir, o homem mantém tudo o que o antecedeu, o que tornou possível a chegada à sua atual condição. A hominização não seria apenas um resultado de todo o processo ortogenético, mas a "flecha" ascendente da síntese biológica. Com a culminação no pensamento, surge uma esfera espiritual, denominada de noosfera.

Anteriormente, ao nos referirmos ao Nous de Anaxágoras, mencionamos Chardin. Chardin, busca em sua obra *O Fenômeno Humano* (1947) a com-

preensão de todo o fenômeno humano, ligando o passo evolutivo da capacidade de reflexão com a hominização desde a sua gênese. Certamente, o espírito, o *Nous* de Anaxágoras não é exatamente o mesmo *Nous* de Chardin. Para Anaxágoras havia um Espírito pronto, que comunicava movimento e causalidade às coisas. Já a noosfera de Chardin constrói-se em função de um esforço de complexificação e convergência da matéria. Se o início da noosfera acontece de forma pontual, aos poucos vai evoluindo de forma universal, como que cobrindo o Planeta de uma camada pensante, e isto ocorre por um processo de socialização. Desenvolve-se uma camada pensante coletiva, que não está separada ou solta de todo o resto, nem de todo o passado evolutivo. Contudo de um processo prioritariamente biológico, hereditário, passa-se a um desenvolvimento mais psíquico. Este é um caráter fundamental para o nosso estudo. A salvação como a evolução, em Chardin, é um processo de socialização crescente. Não se pode esquecer que ocorria um esforço de idéias de isolamento individual como movimento de reação ao coletivismo marxista. Contudo, se observarmos bem, Chardin busca a unificação desta massa pensante solidificada, um retorno de certa forma, a uma Unidade, contudo unidade coletiva. Não se pode confundir, de forma nenhuma, o coletivo marxista com o coletivo de Chardin. Para este, o coletivo tinha um caráter de hiperpessoal, de comunhão com as outras pessoas. Esta Unidade coletiva e espiritual, buscada sempre em sentido contrário à entropia, desemboca no ponto ômega, numa fusão de todo o processo ortogenético. Entende-se por Ortogênese o processo em que a vida, compreendida historicamente, continua permanentemente a desenvolver-se aditivamente. Chardin entendeu o Universo de forma abrangente e holística.

Se os gregos buscavam através da razão um elemento unificador e primordial, com Chardin estes elementos aglutinam-se, interiorizando a matéria, até alcançar a noosfera, em que o psíquico coletivo e espiritual se funde numa unidade dita Ômega. Contudo, vale lembrar, que mesmo tendo chegado ao Ômega, a esteira evolutiva vem nutrida de um estofamento interiorizante que sabe onde vai chegar, e isto não pode ser separado de todo o processo. Há nisto algo semelhante à panspermia de Anaxágoras e à teia de aranha de Heráclito, onde o corpo todo sente tudo o que lhe acontece, pois faz parte de seu meio. Esta compreensão holística do universo, encontra no movimento ecológico sua forma mais atualizada de disseminação.

Pela própria multiplicidade e complexidade dos relacionamentos, principalmente da ação antrópica, o conceito de ecologia teve que extrapolar as dimensões meramente biológico-naturais. Até muito recentemente, ao se falar de ecologia, se restringia seu campo às áreas das ciências biológicas, com aportes dos campos químicos, físicos e geológicos. A palavra-chave consistia no

ecossistema, que diz de toda a interdependência entre matéria e energia, num permanente fluxo e refluxo entre os seres produtores, consumidores e decompositores. Neste contexto era muito difícil enquadrar o homem como um ser harmonizado com o meio. O homem era visto como um agressor por excelência e suas ações, se não no todo, mas em grande parte, incompatíveis com um meio saudável e equilibrado. Com a visão ecológica englobando um caráter mais social, e nisto envolvendo todos os aspectos do agir humano, o homem passou a ser visto com um ser que pode conviver com o meio e é parte integrante deste meio.

Contudo a presença humana não é vista de forma tão pacífica quanto se possa imaginar. O homem como espécie biológica, surgiu há menos de 5 milhões de anos, enquanto que a Terra, como Planeta, remonta a mais de 5 bilhões de anos. Neste ínterim, sucederam-se fenômenos, como o surgimento e desaparecimento de animais, plantas, formas de relevo e processos geodinâmicos de toda ordem. Porém, o que o homem, no curto espaço temporal de sua existência, tem provocado e acelerado, por certo não tem precedente na história terrestre. Ainda, deve-se ressaltar que durante os primeiros milhões de anos de sua existência, o homem pouco interferiu sobre o contexto global da Terra. Igualmente, na chamada Idade da Pedra Lascada, a interferência humana foi lenta. Entre 10 mil e 3,6 mil anos a.C. foram usadas pedras polidas como ferramentas, e há apenas 500 anos o homem atirou-se às grandes descobertas marítimas. A aceleração da ação antrópica começou de fato com a Revolução Industrial, que tem menos de 200 anos. Desde cedo, o homem, no exercício de sua criatividade, percebeu que o uso de ferramentas era muito útil, seja para caçar, pescar ou colher frutas ou raízes. E mais do que o próprio uso das ferramentas, percebeu o homem que podia continuamente aperfeiçoá-las, multiplicando seus usos. E o uso de utensílios e ferramentas proporcionou o armazenamento do alimento, garantindo a produção além da necessidade imediata da subsistência do indivíduo e do seu grupo.

Esta possibilidade de produzir mais do que era necessário, gerou a divisão do trabalho, permitindo que alguns indivíduos apenas comandassem, enquanto os demais se punham a seu serviço. E, como é próprio das qualidades individuais, a divisão do trabalho proporcionou mais eficiência, especialização, projetando algumas pessoas do grupo como mais capazes, privilegiando-as. Minorias começam a se valer de suas habilidades, passando a dominar o conjunto das demais pessoas. Evidentemente surgem as discórdias e desavenças. É criada, então, a figura do ESTADO, como órgão de garantia da manutenção dos interesses.

Não é difícil a compreensão do acúmulo de riquezas e bens nas mãos de

alguns, que rapidamente perceberam nesta situação uma condição de controle da produção, estocagem e distribuição. A implantação da moeda, que funciona como mercadoria equivalente para troca com outras mercadorias, abriu os espaços para a produção em grandes proporções, e acumulação de riquezas. Os bens deixaram de ser arrancados da natureza para consumo de quem assim procedeu, mas para obtenção de uma moeda que lhes garantiria a sobrevivência, e mais do que isto, poder. Centraliza-se aqui um grande impasse: a moeda serviu para produzir mais moeda, ou seja, a moeda serviu para reproduzir não apenas bens em si, mas moedas a mais, o lucro. O trabalho se distanciou do natural e se atrelou ao artificialismo de uma moeda, tenha o nome que tiver. Deixou de ser fundamental o que as pessoas produzem e fazem, e passa a valer o quanto este fazer pode render em moeda, em capital. E para este acúmulo de capital, a humanidade se valeu de todo um esforço pedagógico técnico-científico. Especialmente a partir do século XIX em diante este processo de busca do lucro, passou a contar com um equipamento muito forte: a indústria. Se passamos por sistemas capitalistas, desde colonialistas, de concorrência e de monopólio, estamos hoje num sistema chamado de capitalismo financeiro. Passamos de fases capitalistas do tipo comercial, que comprava barato e vendia por mais, ao capitalismo industrial, que agregava valores de transformação aos bens primários, e estamos hoje num capitalismo em que o dinheiro gera dinheiro, não importando a produção em si. Uma das formas mais expressivas do movimento de capitais expressa-se no processo de globalização em franco andamento. Evidentemente que outras formas de produção aconteceram, como por exemplo a comunista, a socialista e nuances diversas entre a preponderância ora do capital, ora do trabalho. E nesta impulsão em busca do capital aconteceram destruições de toda ordem, pondo em risco, não somente a fauna, a flora, os recursos hídricos e tantos outros, mas a própria sobrevivência da espécie humana. Surge daí, com toda a força o movimento ecológico, como reação ao processo de destruição do habitat Terrestre.

Eu em NÓS

Um dos aspectos básicos do movimento ecológico, sem dúvida, o mais recente movimento coletivo de grande envergadura da humanidade, é o de perceber a diversidade e multiplicidade das coisas, dos seres. E aqui, voltamos a lembrar a teia descrita por Heráclito, em que a aranha, entre indignada e preocupada busca recuperar rapidamente o ponto atingido em sua teia, como se seu próprio corpo estivesse sendo atingido.

Esta mesma diversidade e multiplicidade de seres e formas é que garantem a permanência vital. E quando os gregos procuravam encontrar o fundamento, o princípio das coisas, identificado ora como um elemento (água, ar, terra, fogo), ora como um princípio indeterminado, ora como ódio, amor ou Espírito; na verdade buscavam uma explicação para a multiplicidade e diversidade dos seres e das coisas. Ao mesmo tempo em que sua experimentação cotidiana impunha o reconhecimento do múltiplo, havia algo que impulsionava para a idéia de que haveria um princípio e um final unificador, uma espécie do disperso no todo, do cada um de nós no coletivo. Até porque se entendia que o muito, o diverso, tendia à imperfeição. Era preciso encontrar algo que disciplinasse e regresse o aparente caos em que se moviam as coisas e os seres.

A síntese fenomenológica de Chardin também busca este mesmo princípio unificador, para o qual toda a diversidade e multiplicidade converge, num processo complexificante e crescentemente psíquico. E a teia de Heráclito é tecida com a mesma interação e interdependência planetária do pensamento ecológico.

Dos gregos aos dias atuais o questionamento que partiu da tentativa de compreensão das coisas para o todo, se aprofunda na questão do eu, do individual para o coletivo. Temos dificuldades existenciais enormes em nos colocarmos no coletivo. A humanidade tem se utilizado do coletivo para atingir seus objetivos, mas os seres têm buscado nisto muito mais sua satisfação individual, do que propriamente a bem-querência criacional universalizada. Estamos num processo planetário predominantemente expansional, e não de unificação. A própria massa terrosa, a Pangea, se divide em continentes e o fundo marinho se expande anualmente. A globalização é um processo aparente, mas na realidade se processam ferozmente as regionalizações, as etnizações.

Somos seres e coisas, uma imensidade crescente de flechas que disparam em todas as direções, pois o processo criacional é por excelência expansivo e diversificante. E esta não é apenas uma questão de sobrevivência do humano, mas de todo o tecido cósmico. No momento em que houver a convergência na busca da unificação não cessará a capacidade do inusitado, do novo, do que é por essência próprio do ato criador?

Está em andamento a maior revolução de todos os tempos. E ela não é econômica, nem política, nem religiosa. Trata-se de uma revolução existencial. Quando nos olhamos no espelho ainda não vemos suficientemente o coletivo múltiplo e diverso, vemos muito mais o individual. O segredo da revolução está na capacidade de nos entendermos como seres não isolados, nem meramente coletivizados, mas como seres Eu em Nós. Este é o novo desafio que se apresenta. Teremos condições de aceitar que ao mesmo tempo em que ocorre

a frenética e impetuosa diferenciação individual própria de cada e de todo o ser, necessitamos da garantia da convivência com todas as demais criaturas, num permanente fluir inter-relacionado do processo criacional?

A partir do momento em que assumirmos, como consciência pensante, na forma de uma espécie de esfera reflexiva, esta interdependência do múltiplo e diverso, nossas ações serão consequência harmonizada do processo criacional contínuo, permanente, competitivo e sobretudo vital.